

Do Pulp Ao Ex-Sistere Metafísico: *Búfalos Selvagens*, De Ana Paula Maia

*From pulp to metaphysical ex-sistere:
Búfalos Selvagens, by Ana Paula Maia*

Rodrigo Fonte

Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)

r.jill@hotmail.com

<https://orcid.org/0000-0003-0961-4028>

MAIA, Ana Paula. *Búfalos selvagens*. São Paulo: Companhia das Letras, 2024.

Já virou lugar comum mencionar, nos estudos acerca da ficção de Ana Paula Maia, as malhas da brutalidade, da violência, do desamparo social a partir das quais seus personagens são constituídos. Que a linguagem dos textos é seca, objetiva, coloquial, marcada por uma expressividade quase cinematográfica, demonstrando em perspectiva tais traços dos personagens, também é insistentemente repetido. Ao que parece, não temos como desviar dessa inscrição que, afinal, coloca a autora entre os mais singulares e lidos da literatura brasileira contemporânea.

Os nove livros que compôs até o presente trazem, enfim, a violência como estrutura e componente da narrativa; os homens que encenam verdadeiros dramas trágicos, criaturas em constante exploração sinestésica com o devir-bestial, têm como horizonte apenas a sobrevivência, reduzidos que estão à materialidade mais crua da existência e da subsistência, à medida que tentam alcançar uma espécie de sublimação da selvageria. Entre eles, a morte é, contraditoriamente, banalizada diante da visão apocalíptica da vida – e nessa estranha conjunção das forças da vida e da morte acontecem, desdobradas por passagens comoventes, a fé e a resignação diante das adversidades, bem como a relação fraterna entre os indivíduos masculinos (evidenciando, inclusive, a quase ausência de figuras femininas nas narrativas).

Semelhantes dados nos levam a verificar que Ana Paula Maia “desvela homens apagados aos olhos da sociedade” (Silveira, 2011, p. 192) e ilumina os “anônimos que nossas vistas não percebem ou se esquecem de enxergar” (Silveira, 2011, p. 192). São eles os abatedores de animais, os lixeiros, os desentupidores de esgoto, os coletores dos cadáveres acidentados nas estradas, os mineiros – criaturas que lidam, de acordo com a autora na apresentação do seu livro *Entre rinha de cachorros e porcos abatidos* (2009), com “toda imundície de trabalho que nenhum de nós quer fazer” (Maia, 2009, p. 7).

Mesmo urdidos na mais dolorosas das condições de trabalho, esses homens grosseiros conseguem deixar vestígios de sensibilidade – o que nos leva a crer que Ana Paula Maia parece intentar o registro do processo de purificação de alguns deles, como Edgar Wilson, protagonista da maioria dos seus romances e da novela “Entre rinhas de cachorros e porcos abatidos”.

No romance *Búfalos selvagens* (2024) acompanhamos precisamente esse momento de diluição da crueza do personagem. Uma vez sobrevivido à catástrofe que por pouco erradicou a vida humana no planeta, Edgar Wilson retorna ao matadouro de Milo, cenário do romance *De gados e homens* (2013), para experienciar a reconstrução da sua própria realidade, bem como do mundo nos parâmetros em que ele e seus amigos, Bronco Gil e Tomás, o compreendem. Dessa vez criando e abatendo búfalos, os três confrontam tramas que envolvem misticismo e assassinato vindos do misterioso Circo das Revelações com o qual compartilham o terreno do matadouro.

Em uma disposição de eventos beirando o *pulp* e o suspense, *Búfalos selvagens* de alguma forma radicaliza o que Ana Paula Maia vinha produzindo até então. Nesse romance ela perde um pouco da dicção que fez muitos teóricos relacionarem o seu estilo ao do diretor de cinema Quentin Tarantino, fazendo-nos sentir, agora, se quisermos estabelecer conexões em geral nada agregadoras, um pouco da anatomia literária de um Larry McMurtry com doses generosas de sobrenatural.

Ainda que dê continuidade aos livros *Enterre seus mortos* (2018) e *De cada quinhentos uma alma* (2021), fechando a chamada “trilogia do fim”, por extensão, graças ao protagonismo de Edgar Wilson, *Búfalos selvagens* também está conectado aos livros *A guerra dos bastardos* (2007), *Entre rinhas de cachorros e porcos abatidos* (2009), *Carvão animal* (2011) – que encerra a “saga dos brutos” – e *De gados e homens* (2013) – com este conectado sobretudo pela recuperação do cenário onde a trama se desenvolve.

Em todos, a associação homem-animal está no centro dos eventos; e, como fios que costuram uma grande colcha de retalhos, há a “cisão metafísica entre os homens e os animais” (Ribeiro, 2024, p. 87) – segundo interessante análise de Natália Lima Ribeiro em artigo a propósito da humanização dos animais e da animalização dos humanos em *Entre rinhas de cachorros e porcos abatidos* e *De gados e homens*. Nas palavras da pesquisadora, Ana Paula Maia

engendra a presença do animal de maneira visceral e humana, ao mesmo tempo e em ressonância, ao tratar o humano na sua evisceração e animalidade. Ao trazer as vísceras, tanto humanas quanto animais, Maia crava sua literatura no limiar entre o absurdo e a realidade, transplantando para as páginas dos seus livros o universo brutalizado da vida (Ribeiro, 2024, p. 80).

Percebemos assim o interesse da escritora em demonstrar o quanto os animais estão submetidos a uma condição utilitarista, sempre em situação de submissão, justamente para aumentar a carga de brutalidade dos homens. Seria, além disso, uma forma de esses personagens expurgarem toda a sua indignação ressentida. Por outro lado, a ficcionista nos acena com um dado curioso e irônico ao colocar homens e animais vivendo (n)o mesmo problema social, submetidos a um sistema exploratório, de uma opressão capitalista que lança os indivíduos menos favorecidos a uma arena de sobrevivência dentro da qual não cabem movimentos como a reflexão a propósito dos problemas enfrentados e uma conseqüente revolução – embora haja alguma consciência de classe.

Os operários da morte de Ana Paula Maia, para satisfazer suas necessidades materiais mínimas, são obrigados a produzir bens de consumo que só enriquecem os donos das terras e das minas; estão invariavelmente condicionados ao meio – nisto, um segundo ponto de conexão com os animais. São sujeitos que se creem construtores da própria história (talvez porque se prendem, apenas, às exigências de sobrevivência, sem um vínculo fixo com um patrão), mas na verdade atuam como engrenagem de uma organização política e social que procura dissolver o organismo popular para produzir miséria e manter o lucrativo estado de opressão.

Nesse aspecto, os personagens das sagas de Maia representam os oprimidos proletariados contemporâneos, que parecem não se importar tanto com o lugar para o qual foram designados. Trata-se de homens e mulheres concentrados em concretizar um tipo de experiência social que mimetize, mesmo que de modo canhestro, um estilo de vida

condizente ao de uma parcela da sociedade que disfarça eufemisticamente sua informalidade em pequenos negócios próprios, aos quais alguns chamam de empreendedorismo.

Em *Búfalos selvagens*, por exemplo, Edgar Wilson sai do lugar de mero abatedor de animais e coletor de cadáveres para tornar-se sócio do criadouro de búfalos – negócio projetado por Espartacus, sujeito que usa de meios criminosos para constituir a empresa. No entanto, apesar dessa reviravolta do destino, Edgar Wilson

gosta de ser abatedor. Detesta ser chamado de magarefe. Como um homem de sangue, estar diante de um coração selvagem e pulsante é estar diante do ponto alto da vida. O calor que emana do gado na hora da morte, a pulsação dos batimentos acelerados empurrando o sangue pelas veias, quase provocando um infarto, lhe causa um prazer imenso.

Matar, dentro dos termos legais ou não, é o que sempre moveu Edgar. Talvez por isso a morte ronde seus passos, porque estar perto dele é estar perto das coisas finais. Matar para comer ou para extirpar algum mal não lhe pesa na alma ou na consciência. Seu entendimento é raro e obscuro, assim como seus caminhos; e invisíveis são suas intenções, assim como o vento que assola sem se revelar (Maia, 2024, p. 73).

Auscultar emocionalmente as pulsações dos irracionais faz de Edgar Wilson um potencial profanador do *status quo* estabelecido pelos donos dos animais a serem abatidos. É como se a cisão entre homens e animais, necessária ao sucesso capitalista, fosse constantemente ameaçada por ele. Na verdade “Edgar Wilson só gostaria de algum tempo de paz, mas o tempo de matar e de morrer é prolongado e o fim nunca termina. Todo dia, as horas de trevas avançam em direção à luz, porém, essa luz é cada vez mais mirrada e inútil” (Maia, 2024, p. 102).

Vontade de sossego é a razão pela qual julgamos coerente o vínculo, em termos simbólicos, entre os homens e os animais em toda trajetória literária de Maia. Na interação harmoniosa dos contrários ambas as categorias procedem o padrão quase melodramático da negação do exercício da liberdade; porcos, bois ou búfalos representam, em última instância, a servidão à condição de vida, a negação do exercício da liberdade, a subordinação ao pensamento alheio. São produtos do controle, segundo o qual há um interesse genuíno dos oprimidos pela servidão. Os búfalos, portanto, são mansos, cordatos à sua razão de estar no mundo, que é doar sua carne e seu sangue.

Em termos comparativos – justamente porque os nove livros da autora carioca se interligam – é importante atentar para o fato de que as vacas criadas, anos atrás, no

matadouro de Milo, não se submeteram à exploração. Uma vez percebida a crueldade da qual eram vítimas, essas personagens cruciais de *De gados e homens* se lançaram à morte, se atirando do alto de um penhasco diante dos olhos de Edgar Wilson e dos demais capatazes.

A primeira vaca pula e logo depois a segunda. Bronco Gil tenta evitar, mas é impedido por Edgar e Helmut, que decidem apenas assistir ao espetáculo do horror. E assim, uma seguida da outra, até que todas se lancem no abismo após emitir um longo mugido.

À beira do despenhadeiro eles espiam lá embaixo, mas não enxergam nada. Somente pela manhã, quando o sol se levantar, é que poderão contemplar o suicídio coletivo das vacas (Maia, 2013, p. 111).

As vacas, no sentido mais estrito, ficam em um lugar-entre o rigor animalesco dos porcos da novela “Entre rinhas de cachorros e porcos abatidos” e a projeção mística dos búfalos de *Búfalos selvagens*. No primeiro caso temos uma cena terrível, na qual

o animal debate-se desesperado, correndo angustiado, esbarra na mesa com a bacia de miúdos e joga tudo no chão. Um dos ganchos deixado sobre a mesa por Edgar cai sobre o animal e finca-se em sua rosada carne, enterrando-se numa de suas costelas. Ainda assim, o bicho consegue fugir pela cerca de arame farpado, ainda que se cortando, espreme-se e, pouco antes de atravessar, o gancho prende-se na cerca, e os grunhidos de dor e angústia ficam cada vez mais altos (Maia, 2009, p. 21-2).

No segundo sentimos que os búfalos são concebidos de acordo com sinistros atavios divinos:

Edgar Wilson olha para o curral e um dos búfalos olha para eles, como se participasse da conversa, como se pudesse escutar seus batimentos e suas respirações. Edgar Wilson deixa Rosario sozinha ao acenar um boa-noite e se levanta. Caminha na direção do curral. Olha o búfalo de frente e toca em sua frente. Na escuridão dos olhos, o reflexo de si. Edgar Wilson olha fixamente para o reflexo em forma de borrão que se aproxima aos poucos. Desvia o olhar e mira sobre os ombros o que está atrás de si – não há ninguém (Maia, 2024, p. 75).

A julgar pelo desempenho de Edgar Wilson nas narrativas que protagoniza, podemos afirmar que ocorre uma espécie de rito, no decorrer de uma longa jornada através da qual se estabelece a montagem, a desmontagem e a remontagem do horizonte humano desse personagem. Por força das experiências que ele sofre, há uma mudança de conduta em relação aos animais e à vida. Enquanto n’*A guerra dos bastardos*, por

exemplo, Edgar Wilson se nos apresenta como um quase delinquente, em *De gados e homens* “não sente orgulho do trabalho que executa, mas se alguém deve fazê-lo que seja ele, que tem piedade dos irracionais” (Maia, 2013, p. 13). E quando realiza o seu desejo de abandonar a lida com os ruminantes para trabalhar com porcos, em “Entre rinhas de cachorros e porcos abatidos”, sofre um retrocesso no comportamento – corrigido, portanto, mediante as circunstâncias caóticas e desoladoras do romance *De cada quinhentos uma alma*.

Vivendo, em *Búfalos selvagens*, “a morte das coisas como conhecia e o recomeço a partir dessa suspensão das emoções, do decorrer dos dias e das noites” (Maia, 2024, p. 91), Edgar Wilson aprofunda o seu processo de autorremissão. Aqui e ali sente rasgos de compaixão, sobretudo na tentativa de resgatar a alma de Azalea, a enigmática advinha morta-viva do Circo das Revelações, e do seu galo degolado – ambos aprisionados, como zumbis, na Terra para satisfazer a ambição maligna e sobrenatural do dono do circo.

Uma vez que “todos queriam viver, todos queriam se redimir” (Maia, 2024, p. 108), em um microcosmos do mundo pós-pandêmico, onde “tudo está morto, ainda que pareça vivo” (Maia, 2024, p. 130), o que resta aos sobreviventes da onda apocalíptica é a missão de reconstruir o seu pequeno universo da mesma maneira como ele era. Logo, o processo de devenida sofrido pelos personagens de *Búfalos selvagens* explora o embate da experiência temporal e o ato de digerir a própria história, as escolhas que por fim os conduzem ao retorno a si, ao estado resignado que se faz condição da renovação. O ser selvagem, que em nada está relacionado aos búfalos, mas, antes, aos homens (já que os animais são concebidos sob aura mística), deixa de determinar a performance desses indivíduos para poetizar, numa flutuação categorial, o seu itinerário de saída do drama da vida nas tramas da morte. Pois o movimento empreendido por Edgar Wilson, Bronco Gil e Tomás é, precisamente, o da fratura do eu-com-o-outro, ou da passagem do *ex*, da existência, para o *sistere*, promovendo o movimento de transcendência singularizada pela insurreição contra o mundo telúrico em prol da legitimação dos vestígios fantasmagóricos.

Ana Paula Maia promove, portanto, no seu mais recente romance, uma interessante reflexão acerca do sentido da vida e da sobrevida – da morte, da quase-morte e da ressuscitação (não nos termos religiosos, evidentemente). Mais do que isso: o livro trata da segunda chance que cada ser humano espera ter quando tudo parece perdido. Para

compor tal repertório, a autora intensifica o seu flerte com o terror sobrenatural, com o fantástico – algo que começou a experimentar com a série televisiva que roteiriza, intitulada *Desalma* (2020) –, e, de alguma maneira ainda não muito bem delineada, se afasta um pouco do padrão *pulp* para demarcar uma estranha curva lírica e metafísica na sua ficção.

REFERÊNCIAS

MAIA, Ana Paula. *Entre rinhas de cachorros e porcos abatidos*. Rio de Janeiro: Record, 2009.

MAIA, Ana Paula. *De gados e homens*. Rio de Janeiro: Record, 2013.

MAIA, Ana Paula. *Búfalo selvagens*. São Paulo: Companhia das Letras, 2024.

RIBEIRO, Natalia Lima. “Humanizar o animal, animalizar o humano: a formação do bestiário de Ana Paula Maia”. *Opiniões – Revista dos Alunos de Literatura Brasileira*. São Paulo, ano 13, n. 24, jan/jun. 2024, pp. 77-92.

SILVEIRA, Rodrigo Carvalho. “Uma visita ao Naturalismo e aos valores humanistas, em Ana Paula Maia”. In: NETO, Godofredo de Oliveira (org.). *O pós-pós moderno: caminhos da prosa brasileira*. Rio de Janeiro: Multifoco, 2011, pp. 187-202.

Recebido em: 30/12/2024

Aceito em: 19/03/2025

Rodrigo Fonte: doutor em Letras Vernáculas (Literatura Brasileira) pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).